

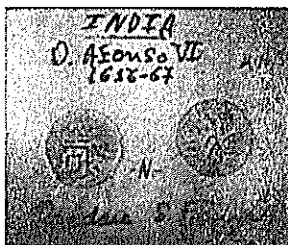
UM PARDAU SÃO TOMÉ, PERDIDO

Por: JOSÉ MARIA FOLGOSA

Há anos, num encontro com um amigo, o sr. Manuel Afonso Mourão, confrade notável, por ele me foi dito ter adquirido duas pequenas moedas de ouro, sendo uma de Moçambique e outra da nossa Índia, esperando ouvir a minha opinião sobre as ditas moedas.

Dias depois fez-me entrega dos numismas, sendo uma delas os 1000 réis de D. José I, 1755, para a África Oriental Portuguesa; mas quanto à segunda o caso era mais sério, pois era peça que completamente desconhecia.

Assim, tratei de procurar nos catálogos, elementos que me levassem à classificação da moeda em referência, encontrando no esplêndido catálogo Meili, uma moeda similar, assim descrita:



N.º 1410— Afonso VI— 1656/67— Pardau S. Thomé de effigie...
S V R E. Ecusson couronné; à dr. G.
Rev.— M T O, le saint debout, nimbé, tourné à g. portant hâche.
Inédite— Unique. Pesa 2,80 gramas.

Por sua vez, a moeda em estudo apresentava as seguintes características:

Escudo coroadado, com sinais na orla, pouco legíveis, parecendo tratar-se das letras N S, à direita.

Rev.— No campo: o Santo nimbado, 3/4 à esquerda, com o braço esquerdo flectido e segurando com a mão o mangual, que apoia no ombro do mesmo lado. Na orla: da direita para a esquerda; sinais ilegíveis, da esquerda para a direita ... H T S (esta invertida).
Pesa, 2,835 gramas — módulo, 16,3 mm. AV.



Creemos tratar-se de um segundo exemplar de pardau S. Tomé da época de D. Afonso VI, batido na nossa Índia, e assim o dissemos ao nosso amigo, fazendo-lhe entrega da moeda e de um decalque.

O sr. Mourão ficou radiante, como era de esperar, pois seria a melhor peça da sua colecção, mas dias depois sucedeu o inesperado.

Tendo de sair da sua repartição a uma dada hora e como ainda faltassem alguns minutos para se pôr a caminho, resolveu, em muito má hora, limpar os bolsos dos papéis inúteis. Saiu na hora precisa e dias depois lembrou-se de colocar a moeda junto às outras que possuía.

Aqui começou o alarme; procurou em todos os bolsos, nos fatos que usara, nas gavetas da secretária, na repartição e nas de casa, chegando à triste conclusão de que quando limpara os bolsos das coisas que reputava inúteis, por um lamentável engano, aliviou-se também do pequeno subscrito onde a moeda se encontrava.

Ficou atordoado e quando reagiu revolveu céu e terra e até os empregados da Câmara Municipal, encarregados da limpeza da cidade, foram em massa vasculhar na licheira do forno crematório, mas tudo em pura perda. E assim desapareceu, para sempre, uma moeda que julgamos raríssima.

Lourenço Marques, Dezembro de 1966.